



## Por que leem os jovens literatura de autoajuda? Reflexões sobre O céu existe mesmo, de T. Burpo e L. Vincent

Jorge Manuel Passos Martins e Fernando Azevedo\*

Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057, Braga, Portugal.

\*Autor para correspondência. E-mail: [fraga@ie.uminho.pt](mailto:fraga@ie.uminho.pt)

**RESUMO.** A obra em apreço remete para a literatura de autoajuda, cujo teor, pertencente ao imaginário religioso, a colocou no patamar dos best-sellers, suscitando uma leitura transversal a todas as faixas etárias. A particularidade de ter sido objeto de escolha por parte de jovens motivou uma análise hermenêutica que identificasse possíveis valores estéticos, éticos e simbólicos. O artigo explicita o conceito de literatura de autoajuda e as principais linhas ideológico-temáticas da obra em causa.

**Palavras-chave:** literatura, autoajuda, valores.

## Why do young people read self-helping literature? Reflections about Heaven is for real, from T. Burpo and L. Vincent

**ABSTRACT.** The work in question refers to self-help literature, whose content, belonging to religious imagination, placed it at the level of bestselling texts, leading to a cross reading for all age groups. The fact of having been the subject of choice by young readers motivated a hermeneutic analysis to identify possible aesthetic, ethical and symbolic values. This article explains the concept of self-help literature and the main ideological and thematic lines of the work in question.

**Keywords:** literature, self-help, values.

### Introdução

Num inquérito realizado numa biblioteca de um agrupamento de escolas do distrito de Braga (norte de Portugal), no ano de 2012-13, conduzido junto de 30 indivíduos, com o objetivo de apurar as suas leituras de eleição, por escolha própria, constatou-se que, para além de títulos como *A volta ao mundo em 80 dias*, de Jules Vernes, do domínio juvenil, os jovens leitores, com idades compreendidas entre 8 e 14 anos, selecionaram igualmente a obra de Todd Burpo and Lynn Vincent (2010), *O céu existe mesmo*. Ora, tratando-se de um título no domínio da chamada literatura de autoajuda, tal fato suscitou a curiosidade dos pesquisadores, autores deste artigo. Assim, este artigo começa por analisar o conceito de literatura de autoajuda, em termos diacrônicos e sincrônicos, dilucida as suas principais perspectivas analíticas, dedicando a sua atenção à obra *O céu existe mesmo: a história real do menino que esteve no céu e trouxe de lá uma mensagem*, de T. Burpo and L. Vincent (2010), buscando as suas linhas ideológico-temáticas. O artigo desenvolve igualmente uma reflexão sobre temáticas presentes na obra e comuns na literatura de autoajuda, como é o caso das experiências de quase-morte.

### O que é a literatura de autoajuda?

A literatura de autoajuda tem estado presente ao longo da história da humanidade, influenciando a vida das pessoas, mas também sendo afetada pelos mais diversos contextos sociais, religiosos, políticos, económicos, culturais, profissionais ou de lazer. A partir da década de 60 e 70, do século XX, assiste-se a uma ramificação do campo epistemológico da literatura de autoajuda: os textos produzidos passam a abordar, como realça Salerno (2005), diversos temas que abrangem, entre outros, o esoterismo, a religião, a introspeção pela busca do eu interior, a resolução de conflitos emocionais e afetivos, a conquista de uma companhia ou o modo de manter o equilíbrio da vida conjugal, assim como sugestões de como alcançar o sucesso financeiro e a felicidade. Essa demanda do ser humano constitui-se, na opinião de Cederborg (2000), como uma visão metafórica da sociedade – o casamento, a felicidade, a saúde, a paz, o amor –, sendo, não raras vezes, influenciada por manifestações culturais como a literatura, o cinema, o teatro, a pintura, a música (Askehave, 2004).

Nesse contexto, por exemplo, surge o movimento de contracultura denominado New Age, no fim da década de 60, do século XX, com ênfase, como salienta

Heelas (1999), no pensamento humanista; no autodesenvolvimento, no pensamento positivo e nas terapias espirituais, podendo ser observados como uma perspectiva neoliberal dos requisitos para formar um cidadão responsável (Taylor, 1999; Aldred, 2002), tendo influenciado diversas obras de autoajuda. Nessa linha de ação, Prince and Riches (2000) salientam que, na gênese do movimento *New Age*, subsistiram diversos contextos e circunstâncias, abrangendo desde as terapias de saúde globais até as comunidades ecológicas.

O gênero de autoajuda consolida-se, assim, pela necessidade de os indivíduos procurarem autoconhecimento, orientação espiritual, respostas para os problemas que os angustiam, enfatizando Simonds (1992) que determinados leitores recorrem a esses textos para validação, inspiração, conforto e explicação de situações que não conseguem compreender. A literatura de autoajuda foi, nessa perspectiva, responsável por difundir, em geral, um saber não sistematizado, sem a preocupação, *a priori*, que fosse um conhecimento religioso, filosófico, da área da psicologia, ou outro das ciências humanas e sociais. Com a finalidade de esclarecer a diferença, Rüdiger (2010) salienta que a literatura de autoajuda partilha com a literatura apenas o nome, constituindo-se como um fenômeno vazio de critérios internos que a valorizem, sendo uma consequência da indústria cultural, caracterizada pelo sucesso de vendas, a dependência dos sistemas de marketing, assim como a repetição de padrões e fórmulas,

[...] conferindo a determinados publicistas e *taste-makers* da alma popularidade mundial semelhante à que se outorga aos escritores de *best-sellers* e celebridades criadas pelos meios de comunicação (Rüdiger, 2010, p. 16, grifo nosso).

Porém, no século XX, surgiu e divulgou-se uma vasta produção de literatura, classificada de *autoajuda*. Corroborou esta prática a divulgação e o acesso generalizado do cidadão comum à informação científica, potenciando o que se denomina, atualmente, como literatura de autoajuda científica, caracterizando-se pela exposição fundamentada de argumentos, por meio de pesquisas, autores, centros de investigação acadêmicos, com a finalidade não apenas de aumentar o conhecimento científico de um público leigo, mas também de auxiliar na resolução de conflitos e problemas enfrentados no cotidiano pelo ser humano.

No próximo item, vamos dilucidar o conceito de literatura de autoajuda, em termos diacrônicos e sincrônicos, explicando as razões filosóficas e socioculturais da sua expansão nas nossas sociedades. Serão igualmente sublinhadas as perspectivas analíticas da temática da literatura de autoajuda enquanto campo de estudo no mundo acadêmico.

### A literatura de autoajuda na modernidade: origem e expansão

Atualmente, a exponencial difusão da literatura de autoajuda corresponde, como sublinha Beck (2011), a determinados contextos próprios da modernidade, tais como o culto do individualismo, a competição, a cultura de massas ou a democratização da informação. Esse quadro pode ser consequência da revolução que destruiu, ao longo dos últimos dois séculos, a sociedade patriarcal, hierarquizada e corporativa, que até então predominava, em que o indivíduo estava preso a uma grande família, a uma corporação de ofício, a uma religião oficial ou a um estado todo-poderoso. Pode-se considerar, dessa forma, que a literatura de autoajuda, como fenômeno, foi o resultado do surgimento da era moderna e da secularização, que teve a sua inauguração no final do século XVI, com o desmantelamento do feudalismo e a ascensão do capitalismo. Altera-se, então, o eixo da cultura ocidental, em que prevalecia o sistema de vida comunitária, que tinha a sua base na tradição cristã, para uma centralidade do homem no mundo, valorizando a autonomia do indivíduo.

Dessa forma, um estudo da literatura de autoajuda, numa perspectiva diacrônica, efetiva-se como uma postura epistemológica mais apropriada, realçando Bauman (2000) que, num mundo bastante fragmentado, as pessoas tendem a depender menos da sua identidade e mais das relações pessoais, nas quais as pessoas requerem relações pessoais íntimas para alcançar sua felicidade e seu bem-estar, mais do que noutras épocas.

O conceito de autorrealização alcançou, nessa ótica, a sua plenitude no século XX, devido ao movimento globalizante e à democratização do acesso à informação e ao conhecimento. Para essa doutrina hiperindividualista, a verdadeira realização pessoal só pode ocorrer quando ela se faz com meios próprios; o seu slogan é o *make yourself*, sublinhando Weiner (1992) que o valor do sucesso é precedido de grandes expectativas motivacionais. Esse conceito vai de encontro ao paradigma de felicidade, que surge no Ocidente, como uma realização plena do Homem: a realização do Homem total, sublinhando Lipovetsky (1994, p. 64) que a “[...] era da felicidade das massas celebra a individualidade livre, privilegia a comunicação e multiplica as escolhas e as opções.”

A felicidade é celebrada como a plenitude da vida, a harmonia conseguida em todas as dimensões do humano. No entanto, a felicidade parece ser entendida por cada um à medida dos seus desejos. Também ela depende da ideia que o Homem faz de si próprio, porque quanto mais sutil e mais exigente for a consciência que o indivíduo tem de si, tanto mais exigente ele será no que respeita à felicidade. O Homem, mesmo quando tem os seus desejos

satisfeitos, não está necessariamente feliz: mais do que a realidade, a felicidade é uma utopia necessária (MacMahon, 2009).

Nesse contexto, a literatura de autoajuda vem incentivar, no Homem, a necessidade de expressar-se, ter convicção e fé de que possui potencial para alcançar os seus objetivos e destacar-se entre os seus pares. Para Rüdiger (2010), a literatura, que deu origem aos sistemas de autoajuda, formou-se historicamente com a transformação da crença no poder da mente, em fenômeno de cultura de massas. Tal fato deve-se a Samuel Smiles, autor da primeira obra de autoajuda sistematizada. Apontado, pelas pesquisas acadêmicas sobre autoajuda, como o prototexto que originou esse fenômeno, a obra de Smiles revela-se um manual que procurava ensinar à classe operária como adaptar-se ao mundo organizacional da época e alcançar o sucesso individual. Na obra, surge o conceito de que o objetivo da vida não se restringe, unicamente, à satisfação das necessidades imediatas, mas ao desenvolvimento de um bom caráter que, no caso, podia ser alcançado pelo exercício diário do trabalho. Nesse paradigma, o Homem passa a ser concebido como um ser que, além de direitos, tem deveres, vence quando concretiza algo ao longo da vida, apresenta uma existência laboriosa, e não quando só obtém satisfação com êxitos parciais. Assim, de acordo com Rüdiger (2010), a ideia do *self-made man*, do indivíduo capaz de superar os desafios e atingir sucesso, é superada pela imagem do *self-help man*, aquele que tem como objetivo também reconstruir os valores morais da sociedade. A proposta inicial de Smiles, que era formar um bom caráter, vai progressivamente revelar-se numa transformação espiritual e psicológica do indivíduo em pessoa de sucesso. Para esse propósito, Rüdiger (2010) salienta que o problema está na mudança do conceito de autoajuda, que se move de uma concepção moral, vinculada a um caráter, que situa o ser humano dentro de uma dada sociedade, visando ao seu bem-estar, para uma subjetividade individualista. Esse fenômeno transformou o conceito originalmente moral de autoajuda em princípio do moderno culto do sucesso e do cuidado *cosmético* da personalidade.

Na viragem do século XIX para o século XX, a autoajuda difundiu-se e revelou-se como uma literatura massificada, nos Estados Unidos, entre 1895 e 1915, por meio do movimento que foi denominado de Novo Pensamento: pregava a transformação psicológica e espiritual do indivíduo pela força de seus pensamentos, tendo, como máxima, pensar é poder, e da interpretação de que o sucesso é resultado de determinação, ambição, paciência e perseverança (Grodin, 1991).

Nessa perspectiva, a literatura de autoajuda parece ser lida como o reflexo dos processos de desintegração

do indivíduo na pós-modernidade (Lash, 1999). Alguns autores sustentam que a produção da literatura de autoajuda reflete as preocupações da sociedade atual, marcada pelo processo de individualização e pela mudança nas dinâmicas sociais anteriormente conhecidas.

Nessa linha de pensamento, Eliade (1999) realça que o homem moderno assume uma nova dimensão existencial: ser a-religioso. Rejeita a transcendência para reconhecer-se unicamente como agente da História, não aceitando qualquer modelo de humanidade fora da condição humana. O homem moderno faz-se a si próprio, e não consegue completar-se senão na medida “[...] em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo [...]”, porque o sagrado edifica-se como “[...] um obstáculo por excelência, diante da sua liberdade” (Eliade, 1999, p. 210). Esses fatores colocam o Homem perante um horizonte cada vez mais vazio de orientações morais, éticas, religiosas, porque, tal como enfatiza Wallerstein (2003), os códigos morais têm a presunção de oferecer ao indivíduo a orientação em relação aos melhores valores humanos.

### Perspectivas analíticas

A temática da literatura de autoajuda revela-se um campo de estudo recente no âmbito do mundo acadêmico, pelo que se declara pertinente identificar a existência de algumas confluências nas formas de perspectivar esse gênero. Uma das vertentes que parece ser consensual sustenta que a literatura de autoajuda funciona enquanto mecanismo que pretende transformar o indivíduo; seja na reconversão dos seus hábitos, seja pelas práticas indutivas e/ou de reflexão sobre si, com o intuito de construir uma identidade, ou mesmo para lhe propor uma autotransformação (Cederborg, 2000; Askehave, 2004; Dolby, 2005; Gauntlett, 2008; Rüdiger, 2010). A maioria da investigação inclina-se para uma análise hermenêutica dos livros de autoajuda, e não sobre os atores que tornam possível a circulação desses conteúdos, nem as formas de apropriação desses discursos pelos seus leitores. Nesse contexto, é possível constatar algumas linhas de investigação mais comuns: a primeira, ligada ao conceito de modernidade reflexiva de Beck, Giddens, and Lash (1994), que entendem a autoajuda como um mecanismo de construção do eu de uma forma reflexiva; uma segunda linha de investigação pode ser identificada com estudos que procuram compreender os usos terapêuticos da autoajuda (Rosen, 1981, 1993; Starker, 1988a); uma terceira linha de investigação pode ser encontrada entre os estudos de gênero, uma linha de trabalho que observa essa literatura enquanto um agente mediático, um mediador cultural.

A primeira linha envolve não só os estudos de Giddens (1992) sobre as mudanças nos relacionamentos e nos lugares de gênero, como o estudo pioneiro sobre a literatura de autoajuda, realizado no Brasil por Rüdiger (2010). Nessa perspectiva, os discursos de autoajuda são observados como uma mediação utilizada por pessoas comuns para construir um eu, recorrendo a uma postura reflexiva, gerir a subjetividade inerente à sua personalidade e enfrentar os problemas colocados ao indivíduo pela modernidade (Giddens, 1992; Rüdiger, 2010).

Na perspectiva de Rüdiger (2010), a reflexividade constitui-se como a capacidade de observação e análise de si mesmo sobre o modo de ser do indivíduo. A emergência de tal capacidade seria uma indissociabilidade dos tempos modernos, em que a reflexividade se interliga com a subjetividade à medida que a sociedade se diferencia em diversos padrões de valores ou sistemas de ação, como realça Williams (1999), no grau em que o paradigma de personalidade, conservado noutras épocas pela unidade de uma concepção de mundo comum, se fragmenta em diversas formas de conduta criadas por essa diferenciação.

Nesse contexto, a literatura de autoajuda podia-se inserir nesse argumento enquanto recurso reflexivo, apresentando, mediante um modelo prescritivo e abstrato, estratégias para a construção de uma disciplina interior e o culto do *eu* (Rüdiger, 2010).

A investigação que tem como objeto o uso terapêutico da autoajuda parece ter início com o trabalho de Rosen (1976). Essa investigadora, na área da psicologia, colocou, no centro da sua pesquisa, a compreensão dos efeitos da terapia autoaplicada (Rosen, 1987), alertando, desde o seu trabalho que remonta a 1976, sobre os riscos do uso da literatura de autoajuda. De acordo com suas análises, que abrangeram cerca de 150 livros de autoajuda, e com os trabalhos de outros psicólogos que testaram o efeito da terapia autoaplicada em casais, contrapondo com os resultados daqueles que tinham raras consultas com terapeutas e com tratamentos intensivos de terapia, conclui-se que os manuais de autoajuda não ajudam e podem, segundo Rosen (1987), chegar a prejudicar o sujeito. Essa literatura valorizava menos os padrões profissionais para o acesso a uma terapia autoaplicada, e mais em trazer lucros e estratégias comerciais para os seus autores. Em confronto com as conclusões de Rosen (1976, 1987), temos as formulações de Starker (1988b) que – no seu estudo de 1988, intrigado com as ideias de Rosen (1976) e pelos resultados dos inquéritos que realizou, em 1986, a consumidores, psicólogos, psiquiatras e residentes – revelavam uma atitude positiva em relação à literatura de autoajuda, constatando-se que nenhum desses atores considerou

essa literatura prejudicial. O seu estudo de campo pretendeu compreender os benefícios e os riscos do uso da literatura de autoajuda, enquanto terapia autoaplicada, na perspectiva dos psicólogos americanos. As conclusões de Starker (1988b) não deixavam de preocupar, pois mostravam, por meio de outro inquérito aplicado a psicólogos, em duas zonas dos Estados Unidos, a aprovação por esses profissionais, das mais variadas vertentes, do uso, pelos seus pacientes, da literatura de autoajuda.

Por fim, a perspectiva que compreende a literatura de autoajuda, enquanto agente mediático, reúne boa parte dos investigadores ligados aos estudos de gênero (Zimmerman, Holm, & Haddock, 2001; Hochschild, 2003; Hochschild & Tanaka, 2003; Dolby, 2005; Gaunlett, 2008). Para esses autores, a literatura de autoajuda pode ser considerada um fenômeno de massas influenciado pelos meios de comunicação e, como tal, reflete e sustenta crenças e valores culturais. É esse pressuposto da literatura que permite utilizá-la como forma de acesso ao que se tem refletido sobre como os indivíduos se devem comportar como homem e mulher, e como os gêneros se podem relacionar uns com os outros (Zimmerman et al., 2001). No que diz respeito a essa perspectiva, Hochschild and Tanaka (2003) sublinham que esta é a forma mais significativa de abordar essa literatura, porque a cultura está sempre em transformação e os autores da literatura de autoajuda funcionam como mediadores culturais, promovendo o que eles chamam de acordos culturais.

### **Um estudo hermenêutico sobre *O Céu Existe Mesmo***

A obra *O céu existe mesmo: a história real do menino que esteve no céu e trouxe de lá uma mensagem*, de Burpo e Vincent (2010), constitui um best-seller que vendeu, até 2011, perto de 6 milhões de exemplares em nível global. A obra pode inserir-se na tipologia inerente à temática de autoajuda, tendo a pretensão de revelar certas vertentes de pendor religioso, transmitindo princípios éticos e morais vinculados a essa ideologia.

Uma das formas enunciativas desse gênero se caracteriza por revelar determinadas experiências transcendentais/sobrenaturais vividas por alguém. Não é muito comum, nos casos mais divulgados, uma criança de tenra idade ser o centro de atenção desse gênero de relatos, testemunhados na primeira pessoa, em oposição aos muitos testemunhos de adultos, na mesma área. Pode-se questionar a razão pela qual o universo infantil não terá apresentado credibilidade ao longo do tempo em possíveis testemunhos, junto do universo adulto; estes foram afetados, talvez, pela falta de credibilidade *versus* inocência e ingenuidade, subjacente ao respectivo período de desenvolvimento cognitivo.

Descrito de uma forma autobiográfica por Todd Burpo, o pai, narrando os acontecimentos no quadro de um limite temporal com recurso a constantes analepses, o relato evoca a ocorrência de fatos passados relativos ao filho de Todd, Colton Burpo, de quatro anos de idade. O discurso tem poucas ou nenhuma pretensões estilístico-literárias, com uma linguagem simples, cujo valor semântico não convida a inferências interpretativas de valor da parte do leitor, utilizando a primeira pessoa, típico de um texto autobiográfico. Envolve, durante a narrativa, o resto da sua família (a esposa, Sonja Burpo, professora licenciada no Estado de Nebraska, e a filha Cassie Burpo, de seis anos de idade). O autor textual coloca ênfase na objetividade dos fatos, no limiar de um texto informativo, quase jornalístico, com recurso à estrutura de uma notícia, na qual são perceptíveis os momentos onde, quando, como e porquê.

Nos itens seguintes, analisaremos a presença dos arquétipos universais subjacentes a esta obra, bem como linhas de leitura ideológico-temáticas específicas, como a questão das experiências de quase-morte e os principais valores presentes na obra. Apontaremos que esta é uma narrativa onde está prevista a existência de um duplo leitor-modelo, no sentido em que o texto se apresenta como ambivalente, permitindo leituras diferenciadas consoante os seus leitores adultos ou mais jovens. Explicaremos igualmente as razões do seu sucesso editorial e algumas das técnicas do seu *marketing* comercial.

#### Arquétipos universais: o bem *versus* o mal

Subjacentes à história da civilização, construíram-se valores socioculturais como o bem e o mal, que se transformaram em arquétipos da condição humana, em torno dos quais as sociedades se desenvolvem e as relações interpessoais se vinculam a orientações éticas e morais. Primeiro, os registros orais transmitidos de geração em geração, e fixados posteriormente pelo código escrito, derivaram em múltiplos discursos (religiosos, políticos, filosóficos, históricos, na literatura ficcional), nos quais estavam implícitos princípios da dicotomia entre forças opostas, como o bem e o mal, mas, em que um e outro se podiam complementar de um modo mais unívoco.

Forbes (2011) sublinha que a questão do mal pode ser perspectivada como um problema fundamental da existência humana, questionando a razão de o ser humano ter a noção de que as coisas deveriam ser de outra forma, daquela que lhe é apresentada. Essa questão pode ser observada numa vertente religiosa de origem ancestral: o problema do mal é se revelar um assunto que suscita interesse junto de filósofos da religião e teólogos, mas a investigação sobre a história complexa de respostas ocidentais para o desafio do mal

ainda está no início. Sendo Deus o criador de todas as coisas, o mal estará enraizado nesse mesmo Deus. A maioria das narrativas religiosas, que cultivam uma origem para o mal, fazem-no dissociando-o de uma possível criação divina, colocando-o em contraposição ao bem ou, ainda, em desobediência ao bem. Se a vontade é livre na natureza humana, o mal nasce de acordo com essa premissa, no abandono do ato de liberdade, no fluir de uma satisfação imediata.

Quando os seres humanos fazem coisas terríveis, eles são o mal? Esta é a questão levantada por Kohn (2005), ao analisar obras sobre a natureza do mal, tais como o filme *The talented Mr. Ripley*, de Anthony Minghella; ou, na literatura, *Inferno*, da *Divina Commedia*, de Dante Alighieri; *The turn of the screw*, de Henry James; ou *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, de Robert Louis Stevenson. Nessa linha, Kohn (2005) ilustra como as raízes da violência humana não são verdadeiramente más, mas um sintoma da nossa incapacidade de realmente saber quem somos, pelo que esta falta de compreensão de nós mesmos pode levar o ser humano a realizar atos horribles.

No âmbito das proposições morais sobre o mal, Žižek (2006, p. 29-30) enfatiza que a liberdade devia tornar-se autônoma em relação ao bem e ao mal, desvinculando-se de todo o pressuposto, sublinhando Leclerc and Pucella (2013, p. 408) que, numa perspectiva existencialista, a liberdade humana é sempre uma liberdade situada ou em situação, ou seja, sempre integrada nos acontecimentos do vivido, em confronto com a realidade do mundo e da história.

Nesse contexto, identifica-se diversa literatura que teve origem no patrimônio da tradição oral, refletindo o *background* acumulado pela experiência milenar de cada cultura, consubstanciado numa determinada sabedoria de vida, como por exemplo: no Japão, mediante o poder de síntese dos *haiku*; no ocidente, com os provérbios, as fábulas ou os contos de fadas. Na literatura de ficção, vários são os textos em que o bem surge vencedor, após a interferência/sobreposição do mal, em que a decorrência da bipolaridade entre o bem e o mal foi sendo considerada como uma etapa normal, um patamar a ultrapassar e superar, de modo a alcançar uma elevação moral e ética.

A literatura, como a de potencial recepção leitora infantil/juvenil, tem ostentado, por exemplo, uma série de figuras monstruosas suscetíveis de atemorizar os seus leitores, como, por exemplo, as que representam o lobo, o ogre, a bruxa ou monstros, sublinhando Azevedo (2010, p. 13) que “[...] revestidos de uma natureza não humana ou supra-humana, encarnam o Mal e tudo quanto de negativo e de perigoso pode existir.”

Dessa forma, uma das características da literatura é a possibilidade, que lhe é inerente, de veicular, reafirmar

e consciencializar o leitor para valores universais, como o amor, o ódio, a justiça, a opressão, a rebeldia, a liberdade, a paz, o bem, o mal, a vida e a morte etc. A tomada de consciência desses valores e a reflexão ontológica das suas consequências, pelo indivíduo, remete-o para o seu profundo humanismo. Essas matrizes enfatizam a presença do *Outro*, como entidade potencialmente polifônica, o respeito por ele e a sua aceitação, no âmbito da literatura, potenciadora de valores de supremacia do bem sobre o mal, de amor sobre o ódio, da justiça sobre a injustiça. Newham (1997) realça que as fábulas podem ser observadas como instrumentos pedagógicos ambivalentes, pois transmitem mensagens ambíguas sobre o direito ou o errado, com o recurso a forças opostas, do bem e do mal, sábios e tolos, fracos e fortes, facultando ao leitor vários planos de leitura interpretativos. Noutra perspectiva, Goforth (1998) realça que os 'contos de fadas' podem representar uma certa percepção que os jovens construiriam sobre o mundo que os envolve, como o idealismo puro e a fé no bem. Quando os pequenos leitores interagem com esses textos, potenciam-se as condições para um desenvolvimento mais harmonioso da pessoa humana em vários níveis, como releva o autor: "[...] estes maravilhosos contos destinam-se a proporcionar prazer e a estimular a imaginação, o professor experiente utilizará uma focalização estética com os contos (Goforth, 1998, p. 90)"<sup>1</sup>.

Nesse contexto, na obra em análise, está patente uma dicotomia entre o modo de vida do casal, o pastor evangélico Todd Burpo e a sua esposa, caracterizado por uma postura altruísta, de auxílio ao próximo (expressão do bem); em oposição ao estado de saúde do filho que se deteriora de modo progressivo (expressão do mal), contra o qual eles lutam. A fronteira entre a realidade (universo profano) e o transcendental (universo sagrado) é mediado pela fé humana numa entidade divina (Deus). Nessa linha de pensamento, no capítulo 26, Colton Burpo faz lembrar ao pai a batalha do Armagedão (Burpo & Vincent, 2010), presente nos textos bíblicos do Apocalipse, conotada com a superação do bem, após um período de guerras e de destruição, analogia simbólica da capacidade regeneradora, em que o sacrifício é um meio de alcançar a paz e estabelecer um estado de equilíbrio.

#### **As experiências de quase-morte na construção do discurso de autoajuda**

Os estudos recentes no âmbito da alteração dos estados de consciência têm revelado diversos relatos de

experiências de quase-morte, em muitos casos, vivências extraordinárias, independentemente da sua legitimidade, evocando arquétipos ou universos transcendentais com padrões comuns, conotados com perspectivas religiosas, tais como: Charland-Verville, Lugo, Jourdan, Donneau, and Laureys. (2015). Na mesma linha de outras investigações (Blanke & Mohr, 2005; Charland-Verville et al., 2013; Greyson, 2013; Thonnard et al., 2013; Charland-Verville et al., 2014), sublinham que as experiências de quase-morte são classicamente associadas a emoções positivas, como a tranquilidade, o bem-estar, a felicidade e a alegria, mediante experiências fora do corpo, a presença de um ser místico, percepções extrassensoriais, luz, encontros com espíritos religiosos, visões premonitórias, ambientes sobrenaturais. O relato de Colton Burpo, a esse respeito, transmite ao leitor diversas experiências: "Porque estava a vê-los [...] saí do meu corpo e estava a olhar para baixo e via o médico a tratar do meu corpo" (Burpo & Vincent, 2010, p. 15); ou então, referindo-se ao fato de observar os pais: "Sim, no hospital. Quando eu estava com Jesus, tu estavas a rezar e a mamã estava a falar ao telefone" (Burpo & Vincent, 2010, p. 15). Muitos desses relatos ocorrem no contexto de situações graves, ligados a vivências traumatizantes, tais como acidentes violentos e inesperados.

É nesse âmbito que surgem diversas pessoas a relatar as suas experiências e o modo como veem a sua vida transformada, com um novo enquadramento ontológico, o desprendimento do mundo material, enfrentando-a com base em pressupostos altruístas, valorizando aspectos simples do dia a dia, numa vertente de autoajuda, em prol de causas humanitárias e valores como a partilha do amor e a ajuda incondicional.

#### **Valores presentes na obra**

A personagem Todd Burpo (Burpo & Vincent, 2010, p. 148-149) sintetiza, na parte final da obra, de que modo a experiência do filho modificou a vida do casal:

- Os pastores e as suas famílias, normalmente, encontram-se no papel de ajudantes, e não de ser ajudados;
- A experiência da progressiva degradação física do filho ensinou a família a ser mais humilde, de modo a aceitar a ajuda dos outros (física, emocional e financeiramente);
- O casal Burpo possui uma postura mais ousada na divulgação da fé, numa época em que a existência de Deus é questionada.

É nesse ponto que os relatos escritos se transformam num discurso centrado na temática de autoajuda, com o intuito de servirem de modelos éticos e morais, com princípios orientadores no quadro da existência humana.

<sup>1</sup> A tradução para português foi realizada pelos autores do artigo. A citação original é a seguinte: "[...] these wonder tales are intended to provide pleasure and to stimulate the imagination, the wise teacher will use an aesthetic focus with the tales" (Goforth, 1998, p. 90).

Nessa obra, na qual o pequeno Colton Burpo se vê confrontado com uma progressiva degradação física de origem desconhecida, durante algum tempo, para os pais e os médicos, não fica claro que a criança tenha passado por alguma experiência de quase-morte, quando se descobre a origem do problema e ele é operado (Burpo & Vincent, 2010). Isso é confirmado pelo relatório médico, que menciona uma operação normal, sem qualquer ocorrência crítica (Burpo & Vincent, 2010). No entanto, Colton Burpo, questionado pelo pai, refere (Burpo & Vincent, 2010, p. 89): “Bom, está bem, eu morri. Mas só por um bocadinho”.

A única certeza evidenciada pelo testemunho do pai é de que a criança atingira uma debilitação física acentuada. Enquanto os problemas de saúde de Colton Burpo aumentavam gradualmente, a resiliência de Todd Burpo é colocada à prova, tal como a sua paciência, a sua racionalidade, como ser humano e como pai. Nesse contexto, surgem condições para o confronto e a descrença para com entidades sagradas, consoante as crenças e os valores que sustentam as convicções, neste caso, no âmbito de uma religião com fundamentos cristãos (ver Quadro 1). Nessa posição limite, Todd Burpo procura a fé como zona de conforto espiritual.

| Expressões de autoajuda presentes na obra – de cariz religioso                                                                                                 | Página |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| Papá, Jesus mandou os anjos cantarem para mim porque eu estava muito assustado. Eles fizeram-me sentir melhor.                                                 | 14     |
| Murmurei uma oração de agradecimento por esta viagem ter sequer acontecido                                                                                     | 29     |
| Todo o tempo que estive fora do hospital, não parei de rezar.                                                                                                  | 39     |
| Senhor, deixa-nos chegar lá. Deixa-nos ajudar o nosso filho.                                                                                                   | 45     |
| [...] vinda diretamente das mãos de um bondoso Pai celestial.                                                                                                  | 49     |
| - Onde estás? É assim que tratas os teus pastores? Será que vale a pena servir-Te?                                                                             | 53     |
| [...] para ligar... a minha secretária, que ativaria a corrente de orações na igreja.                                                                          | 55     |
| Às vezes pergunto-me o que farão as pessoas que não têm uma grande família e não pertencem a nenhuma igreja? Em alturas de crise onde irão buscar o seu apoio? | 57     |
| O que podemos pedir, especificamente, nas nossas orações?                                                                                                      | 62     |
| - Papá, Jesus usou o doutor O' Holleran para ajudar-me a pôr-me bom                                                                                            | 67     |
| Jesus disse-me que tinha de me portar bem.                                                                                                                     | 68     |
| - Ele tinha de ter Jesus no coração!                                                                                                                           | 69     |
| - Jesus deu-me trabalho para fazer e essa foi a minha parte preferida do Céu.                                                                                  | 82     |
| Todas as pessoas têm uma luz por cima da cabeça.                                                                                                               | 83     |
| Aprendi que não era preciso rezar orações formais e piedosas para ser ouvido no Céu.                                                                           | 92     |
| Vai correr tudo bem. A primeira pessoa que vai ver é Jesus.                                                                                                    | 120    |

**Quadro 1.** Expressões de autoajuda presentes na obra.

### Um texto ambivalente

Esta obra tem merecido a atenção tanto de um público leitor adulto, como de um público leitor mais jovem, talvez pelas expectativas da revelação de um universo transcendental, cultivado pelo imaginário coletivo, estando presente em diversas ideologias

religiosas e que encontram fundamento nos valores e procedimentos cristãos.

Para o leitor adulto, pode concretizar-se como a validação, ou não, de convicções e opiniões já formadas sobre a temática em questão; enquanto que, para o leitor jovem, esse texto poderá motivar pela novidade informativa sobre as experiências de quase-morte, através do relato de uma criança, Colton Burpo, e as possíveis revelações de caráter religioso e metafísico. Essas razões podem ter origem na emergente curiosidade intelectual dos indivíduos nessa faixa etária.

O enunciado caracteriza-se por uma simplicidade textual (sintática e semântica), que não exige ao leitor, como já foi mencionado, um grande esforço interpretativo.

Como potencial texto de autoajuda, tendo como núcleo central uma abordagem religiosa, remete para valores éticos, assim como enfatiza as relações de alteridade, em que o outro assume uma importância vital, coincidentes com alguns valores subjacentes aos princípios cristãos: o altruísmo, o amor pelo outro, a ajuda comunitária. Alarmados perante a despesa do hospital, o casal Burpo vê-se ajudado pelos membros da comunidade local: “No final da semana, a nossa caixa de correio estava novamente cheia – mas com presentes, não contas” (Burpo & Vincent, 2010, p. 67-68). O texto tende a refletir o culto de valores como: a sublimação da humildade e da compaixão como prática existencial; a união familiar; os conflitos internos da pessoa com princípios religiosos em contexto de situações limite.

### Um sucesso editorial

Das obras com mais sucesso na atualidade, contam-se as que estão associadas à literatura de autoajuda que, por meio do *marketing* comercial, se destacam pelas técnicas que vendem ao leitor a ideia de que, obedecendo a certas regras, será bem-sucedido naquilo que procura como hipótese de leitura. Observam-se esses textos como um manual de persuasão e inserção do indivíduo numa sociedade que privilegia a lei do mercado. Nesse contexto, as capas dos livros evidenciam um conjunto de elementos paratextuais relevantes tanto para a informação do leitor, como para a estratégia comercial (Cerrillo, 2007; Lluch, 2003). Destacam-se, assim, os seguintes elementos: o número de edição (neste caso, a 32ª edição); o número da tiragem (neste caso, 200.000); a referência de que foi o *best-seller* nº 1 do *New York Times*, alcançando os seis milhões de exemplares vendidos em todo o mundo; a fotografia, de corpo inteiro, da criança em causa, Colton Burpo, e a afirmação, no centro da capa, para validar o conteúdo do texto e, simultaneamente, convencer os leitores mais duvidosos na compra: *A história real do menino que esteve no céu e trouxe de lá uma*

*mensagem*. Consta-se todo um conjunto de técnicas comerciais para expressar a ideia de que a autoridade origina a massificação. Relativamente a outras obras, é comum a existência de discursos editoriais na contracapa que remetam para críticas consertadas e argumentos persuasivos, que tentam aliciar e serem convincentes, uma vez que se apropriam de discursos científicos, filosóficos e religiosos.

No contexto das obras de autoajuda, é frequente a argumentação correlacionar a situação atual do indivíduo, e possível leitor, que é enfatizada pelo fracasso, pela possibilidade de reversão, com promessas de alcançar o êxito, a felicidade, o vencer obstáculos, por meio de métodos e conselhos veiculados pelos textos. Desse modo, a indústria cultural, que está por detrás do fenómeno da literatura de autoajuda, não se circunscreve apenas à distribuição e venda de obras, mas sustenta-se num *marketing* agressivo nos meios de comunicação social, tanto escrita como nos *media*, que incentiva, alimenta e prestigia as obras e os seus autores. Para Illouz (2003), essa indústria dá ênfase, cada vez mais, à vida quotidiana, que passa a ser vista como um palco de espetáculos, que tem enfatizado a vida diária como espaço para a afirmação de uma identidade positiva. Isto é, cria-se uma imagem de que a identidade e a moralidade são formadas e exercidas dentro das rotinas da vida diária, caracterizada pela crença no valor do êxito e pelo medo da marginalidade. Dessa forma, os *talk-shows*, por exemplo, transformam-se em sinónimos de sucesso, que reforçam, segundo Illouz (2003), uma visão que responde ao caos e à insignificância, oferecendo um sistema ilusório e alienado de explicação do mundo.

## Conclusão

A história tem revelado que a condição humana (Arendt, 2001) é um universo de possibilidades, e uma das suas facetas contemporâneas materializa-se no culto de demonstração pública das vivências mais pessoais – fragilidades ou sucessos –, num mundo decididamente globalizado. Corresponde a este género, a literatura de autoajuda (Dockery, 2005; Thaler & Sunstein, 2008; Hansen, 2012; Dolan & Kudrna, 2013; Dolan, 2015), às expectativas de diversos indivíduos, como fundamenta o número exponencial de edições à escala global.

A obra *O céu existe mesmo* impôs-se no mercado editorial como um sucesso de vendas em diversos países, fato que não é comum numa obra do género de autoajuda ter um leque tão abrangente de leitores: divulgada nas escolas ou entre o agregado familiar, foi lida tanto por adultos como por jovens a partir dos onze anos<sup>2</sup>. Em simultâneo ao *marketing* comercial, é de

sublinhar a curiosidade desses jovens, assim como a influência dos comentários informais trocados entre si e transmitidos oralmente. Efetivada como seleção voluntária de leitura, em momentos de lazer, a obra não se revela uma literatura que exija esforço de interpretação e que contribua diretamente para a formação de um leitor competente. Porém, tendo em linha de conta outras perspectivas, como enfatizam Boyd, Causey, and Galda (2015) no seguimento de outros estudos (McGinnis, 2007; Callow, 2008; Hassett & Curwood, 2009; Pantaleo, 2010; Wu & Coady, 2010), que sublinham a importância da literatura que faculte uma abrangência cultural, na qual estejam refletidos diversos géneros, então, potencia-se o ato de leitura voluntário, de fruição, interagindo o leitor com outras formas de ser e de estar na vida. Além do mais, se a estrutura das obras sobre autoajuda divulgar princípios íntegros com algum rigor científico, pode, então, contribuir para melhorar e/ou transformar as vidas dos seus leitores e preenchê-las de um significado maior, potenciando a renovação ontológica de valores humanistas.

## Referências

- Aldred, L. (2002). Money is just spiritual energy: incorporating the new age. *Journal of Popular Culture*, 35(4), 61-74.
- Arendt, H. (2001). *A condição humana*. Lisboa, PT: Relógio d'Água.
- Askehave, I. (2004). If language is a game – these are the rules: a search into the rhetoric of the spiritual self-help book if life is a game: these are the rules. *Discourse & Society*, 15(1), 5-3.
- Azevedo, F. (2010). Da luta entre o bem e o mal, as crianças são sempre vencedoras. In F. Azevedo (Coord.), *Infância, memória e imaginário: ensaios sobre literatura infantil e juvenil* (p. 11-29). Braga, PT: CIFEPEC - Universidade do Minho.
- Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity*. Cambridge, UK: Polity Press.
- Beck, U. (2011). *Risk society: towards a new modernity*. Los Angeles, CA: Sage Publications.
- Beck, U., Giddens, A., & Lash, S. (1994). *Reflexive modernization: politics, tradition and aesthetics in the modern social order*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Blanke, O., & Mohr, C. (2005). Out-of-body experience, heautoscopy, and auto-scopic hallucination of neurological origin implications for neurocognitive mechanisms of corporeal awareness and self-consciousness. *Brain Research Review*, 50(1), 184-199.
- Boyd, F. B., Causey, L. L., & Galda, L. (2015). Culturally diverse literature: enriching variety in an era of common core state standards. *The Reading Teacher*, 68(5), 378-387.

<sup>2</sup> Informação fundamentada em dados estatísticos relativos a documentos requisitados na Biblioteca Escolar da Escola Básica Monsenhor Aloísio Araújo,

Pico Regalados, do concelho de Vila Verde, distrito de Braga; em conversas informais com jovens de diferentes idades; na informação cedida pela Professora Bibliotecária e funcionária da Biblioteca (junho 2015).

- Burpo, T., & Vincent, L. (2010). *O céu existe mesmo: a história real do menino que esteve no céu e trouxe de lá uma mensagem*. Alfragide, PT: Lua de Papel.
- Callow, J. (2008). Show me: principles for assessing students' visual literacy. *The Reading Teacher*, 61(8), 616-626.
- Cederborg, A.-C. (2000). The hidden meanings of metaphors in family therapy. *Scandinavian Journal of Psychology*, 41(3), 217-224.
- Cerrillo, P. (2007). *Literatura infantil y juvenil y educación literaria: hacia una nueva enseñanza de la literatura*. Barcelona, ES: Octaedro.
- Charland-Verville, V., Bruno, M.-A., Bahri, M. A., Demertzi, A., Desseilles, M., Chatelle, C., ... Zeman, A. (2013). Brain dead yet mind alive: a positron emission tomography case study of brain metabolism in cotard's syndrome. *Cortex*, 49(7), 1997-1999.
- Charland-Verville, V., Jourdan, J.-P., Thonnard, M., Ledoux, D., Donneau, A. F., Quertermont, E., & Laureys, S. (2014). Near-death experiences in non-life-threatening events and coma of different etiologies. *Frontiers in Human Neuroscience*, 8(203), 1-8.
- Charland-Verville, V., Lugo, Z., Jourdan, J.-P., Donneau, A.-F., & Laureys, S. (2015). Near-death experiences in patients with locked-in syndrome: not always a blissful journey. *Consciousness and Cognition*, 34, 28-32. <http://dx.doi.org/10.1016/j.concog.2015.03.011>
- Dockery, A. M. (2005). The happiness of young australians: empirical evidence on the role of labour market experience. *Economic Record*, 81(255), 322-335.
- Dolan, P. (2015). *Projetar a felicidade: mude o seu modo de agir, não o seu modo de pensar*. Lisboa, PT: Temas e Debates.
- Dolan, P., & Kudrna, L. (2013). More years, less yawns: fresh evidence on tiredness by age and other factors. *Journal of Gerontology B: Psychological and Social Sciences*, 70(4), 576-580.
- Dolby, S. K. (2005). *Self-help books: why americans keep reading them*. Urbana, IL: University of Illinois Press.
- Eliade, M. (1999). *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa, PT: Livros do Brasil.
- Forbes, D. A. (2011). The aesthetic of evil. In J. Heit (Ed.), *Essays on evil in popular media: vader, voldemort, and others villains* (p. 13-27). Jefferson, NC: MacFarland & Company Publishers.
- Gauntlett, D. (2008). Self-help books and the pursuit of a happy identity. In D. Gauntlett. *Media, gender and identity: an introduction* (p. 1-31). London, UK: Routledge.
- Giddens, A. (1992). *The transformation of intimacy: sexuality, love and eroticism in modern societies*. Cambridge, UK: Polity Press.
- Goforth, F. S. (1998). *Literature & the learner*. Belmont, CA: Wadsworth Publishing Company.
- Greyson, B. (2013). Getting comfortable with near death experiences. An overview of near-death experiences. *Missouri Medicine*, 110(6), 475-481.
- Grodin, D. (1991). The interpreting audience: the therapeutics of self-help book reading. *Critical Studies in Mass Communication*, 8(4), 404-420.
- Hansen, T. (2012). Parenthood and happiness: a review of folk theories versus empirical evidence. *Social Indicators Research*, 108(1), 29-64.
- Hassett, D. D., & Curwood, J. S. (2009). Theories and practices of multimodal education: the instructional dynamics of picture books and primary classrooms. *The Reading Teacher*, 63(4), 270-282.
- Heelas, P. (1999). *The new age movement*. Oxford, UK: Blackwell Publishers.
- Hochschild, A. R. (2003). *The commercialization of intimate life: notes from home and work*. San Francisco, CA: University of California Press.
- Hochschild, A. R., & Tanaka, K. (2003). Light and heavy: american and japanese advice books for women. In A. R. Hochschild (Org.). *The commercialization of intimate life: notes from home and work* (p. 58-72). San Francisco, CA: University of California Press.
- Illouz, E. (2003). *Oprah Winfrey and the glamour of misery: an essay on popular culture*. New York, NY: Columbia University Press.
- Kohn, D. (2005). *The nature of evil*. New York, NY: Palgrave Macmillan.
- Lash, S. (1999). *Another modernity a different rationality*. Oxford, UK: Blackwell Publishers.
- Leclerc, B., & Pucella, S. (2013). *As concepções do ser humano: teorias e problemáticas*. Lisboa, PT: Instituto Piaget.
- Lipovetsky, G. (1994). *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa, PT: Dom Quixote.
- Lluch, G. (2003). *Análisis de narrativas infantiles y juveniles*. Cuenca, ES: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- Macmahon, D. (2009). *Uma história da felicidade*. Lisboa, PT: Edições 70.
- McGinnis, T. A. (2007). Khmer rap boys, x-men, Asia's fruits, and dragonball z: creating multilingual and multimodal classroom contexts. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 50(7), 570-579.
- Newham, J. (1997). Bear facts and fiction in 19th and 20th century children's books. *New Review of Children's Literature and Librarianship*, 3(1), 65-74.
- Pantaleo, S. (2010). Developing narrative competence through reading and writing metafictional texts. *Literacy Research and Instruction*, 49(3), 264-281.
- Prince, R., & Riches, D. (2000). *The new age in Glastonbury: the construction of religious movements*. New York, NY: Berghahn Books.
- Rosen, G. M. (1976). The development and the use of nonprescription behavior therapies. *American Psychologist*, 31(2), 139-141.
- Rosen, G. M. (1981). Guidelines for the review of do-it-yourself treatment books. *Contemporary Psychology*, 26(3), 189-191.
- Rosen, G. M. (1987). Self-help treatment books and the commercialization of psychotherapy. *American Psychologist*, 42(1), 46-52.
- Rosen, G. M. (1993). Self-help or hype? Comments on psychology's failure to advance self-care. *Professional Psychology: Research and Practice*, 24(3), 340-345.

- Rüdiger, F. (2010). *Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*. Porto Alegre, BR: EDUFRGS.
- Salerno, S. (2005). *SHAM: how the self-help movement made America helpless*. New York, NY: Crown Publishers.
- Simonds, W. (1992). *Women and self-help culture: reading between the lines*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Starker, S. (1988a). Self-help treatment books: the rest of the story. *American Psychologist*, 43(7), 599-600.
- Starker, S. (1988b). Do-it-yourself therapy: the prescription of self-help books by psychologists. *Psychotherapy*, 25(1), 142-146.
- Taylor, E. (1999). *Shadow culture: psychology and spirituality in America, from the great awakening to the new age*. Washington, D.C.: Counterpoint.
- Thaler, R. H., & Sunstein, C. R. (2008). *Nudge: improving decisions about health, wealth, and happiness*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Thonnard, M., Charland-Verville, V., Bredart, S., Dehon, H., Ledoux, D., Laureys, S., & Vanhaudenhuyse, A. (2013). Characteristics of near-death experiences memories as compared to real and imagined events memories. *PLoS one*, 8(3), e57620.
- Wallerstein, I. (2003). *Utopística ou as decisões históricas do século vinte e um*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Weiner, B. (1992). *Human motivations: metaphors, theories, and research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Williams, B. (1999). *Problems of the self*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Wu, C. & Coady, M. R. (2010). The United States is America?: a cultural perspective on read 180 materials. *Language, Culture and Curriculum*, 23(2), 153-165.
- Zimmerman, T. S., Holm, K. E., & Haddock, S. A. (2001). A decade of advice for women and men in the best-selling self-help literature. *Family Relations*, 50(2), 122-133.
- Žižek, S. (2006). *A marioneta e o anão: o cristianismo entre perversão e subversão*. Lisboa, PT: Relógio d'Água.

Received on July 11, 2016.

Accepted on August 12, 2016.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.